

TRADUÇÕES



Lai le Freine

Autoria desconhecida

Tradução

Deborah Veronese Fritsch¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dienifer Feijó Vieira²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Apresentação

Lay le Frenie é um dos poemas encontrados no Manuscrito de Auchinleck³, um valioso trabalho que reúne 44 textos produzidos por diferentes escritores na primeira metade do século XIV na Inglaterra. Os textos encontrados no manuscrito são de gêneros variados: hagiografias, crônicas e romances de cavalaria. Entretanto, apesar de os textos variarem em gêneros e temáticas, todos eles foram escritos no que chamamos hoje de inglês médio, uma forma da língua inglesa falada entre os séculos XI e XV, mas que não era vista como uma variedade de prestígio social ou cultural. Com a Conquista Normanda da Inglaterra em 1066, o francês se estabeleceu como a língua das classes dominantes até o século XV, sendo amplamente utilizado na literatura. Assim, o Manuscrito de Auchinleck representa uma tentativa de construir uma identidade inglesa ao inscrever na cultura escrita uma literatura composta na língua do povo.

Classificada como um lai bretão inglês, *Lay le Freine* se trata de uma tradução inglesa do lai⁴ *Le Fresne*, um dos doze poemas compostos em anglo-normando⁵ pela

¹ Graduanda em Letras Português - Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) vinculada ao projeto de pesquisa Sociedade, História e Memória nas Literaturas de Língua Inglesa. E-mail: deborah.fritsch5@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7473-7978.

² Mestranda na área de Estudos da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Letras, Línguas Adicionais - Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: dieniferfvieira94@gmail.com. Orcid: 0000-0003-1365-3206.

³ O Manuscrito de Auchinleck faz parte da coleção da Biblioteca Nacional da Escócia e pode ser acessado digitalmente pelo link: <https://auchinleck.nls.uk/index.html>.

⁴ Poemas narrativos curtos centrados nos temas da cavalaria e do amor cortês que surgiram no início do século XII. Eram compostos oralmente em vernáculo e cantados por jograis com o acompanhamento de instrumentos musicais.

⁵ Dialeto do francês antigo falado na região francesa da Normandia que foi usado como língua da corte pelo governo anglo-normando na Inglaterra entre os séculos XII e XIII.

poetisa Marie de France. Não temos praticamente nenhum registro sobre a vida da autora, mas acredita-se que ela tenha nascido França, onde recebeu uma educação erudita, e compôs seus lais na Inglaterra por volta de 1170. O gênero “lai bretão” se refere a mitos e lendas que se originaram na antiga tradição oral bretã e foram reformulados em poemas musicados por poetas e poetisas entre os séculos XII e XV, como Marie de France. Já a definição de “lai bretão inglês” continua em debate. Eles são comumente definidos como romances curtos escritos entre o final do século XIII e o início do século XV em inglês médio e destinavam-se a uma audiência mais ampla e popular, diferentemente dos lais bretões, que eram compostos para serem cantados nas cortes (Baugh, 1967). Além de *Lay Le Freine*, *Sir Orfeo* e *Sir Degaré* também são classificados como lais bretões ingleses e estão preservados no Manuscrito de Auchinleck.

Lay le Freine pode ser encontrado nos fólios 261-262 do Manuscrito de Auchinleck. No entanto, como o manuscrito foi danificado ao longo do tempo, alguns versos (121-133 e 341-408) não são mais legíveis, o que revela lacunas na narrativa. Em 1810, o editor inglês Henry William Weber publicou uma reconstrução do poema, na qual as lacunas foram preenchidas com versos extraídos do lai original de Marie de France. A reconstrução de Weber foi a versão utilizada por editores posteriores para criarem suas edições. O dialeto do inglês médio do texto constitui-se de uma mistura do dialeto do sul da Inglaterra com alguns elementos gramaticais da região de East Midlands, similar à escrita de Geoffrey Chaucer, poeta que se inspirou nos textos encontrados no manuscrito para compor seus poemas mais tarde (Laskaya; Salisbury, 1995).

Apesar de o poema ser considerada pelos estudiosos um exemplo de tradução medieval que se manteve muito próxima ao seu original, é possível observar diferenças narrativas significativas quando comparamos *Le Fresne* e *Lay Le Freine*, o que levanta questionamentos sobre as perspectivas de processos tradutórios na Idade Média. A identidade do autor da tradução é desconhecida, assim como grande parte dos outros textos encontrados no manuscrito. Além disso, o fato de o poema ser uma tradução de um lai de autoria de Marie também não é mencionado. Entretanto, Kinoshita e McCracken (2012) afirmam que a forma como a narrativa da poetisa do século XII foi transformada pelo romance inglês do século XIV demonstra que, apesar de ela não ser creditada, sua obra continuou circulando e inspirando reescritas, adaptações e traduções no mundo medieval.

A narrativa de *Lay le Freine* é envolta em diversos elementos herdados do folclore dos povos celtas e de crenças e costumes populares medievais. Diferentemente da maioria dos textos literários medievais, o poema é centrado na trajetória de uma personagem feminina, Freine, uma nobre donzela abandonada no dia do seu nascimento após a sua mãe

descobrir que deu à luz à filhas gêmeas. Ela é criada em um convento e se torna uma das mulheres mais bonitas e graciosas do reino. Após uma longa aventura, ela é reconhecida pela sua mãe e reencontra sua irmã. Encontramos ao longo do poema um foco no protagonismo e na agência das mulheres, com personagens femininas detentoras de uma rede de papéis e do poder sobre o andamento da história, como destacado por Freeman (1988),

A seguir, apresentamos a tradução em prosa para a língua portuguesa de *Lai le Freine*. A tradução foi feita a partir de três fontes: (a) a transcrição do texto em inglês médio realizada diretamente do Manuscrito de Auchinleck e disponibilizada de forma digital pela Biblioteca Nacional da Escócia; (b) a transcrição em inglês médio que está presente na coletânea *The Middle English Breton Lays* (1995), editada por Anne Laskaya e Eve Salisbury; (c) e a tradução e adaptação em prosa do poema para o inglês moderno, feita por Richard Scott-Robinson (2016). Além disso, elaboramos notas de tradução visando comentar algumas escolhas do trabalho tradutório, assim como para elucidar questões referentes ao conteúdo do poema e enfatizar diferenças narrativas em relação ao lai de Marie de France.

Lai le Freine

Frequentemente lemos e encontramos registros, como é do conhecimento dos sábios, de que os lais são canções sobre acontecimentos maravilhosos: alguns são sobre guerras e alguns sobre tristeza; alguns são sobre divertimento e alegria e alguns sobre traição e astúcia, de aventuras antigas que aconteceram há muito tempo. Alguns são sobre piadas e obscenidades, e alguns⁶ são sobre a terra das fadas. De todas as coisas sobre as quais os homens cantam, a maioria é, na verdade, sobre o amor. Esses lais foram criados na Bretanha⁷ em tempos muito antigos, assim dizem as rimas. Quando os reis ouviam falar de eventos maravilhosos de um lugar distante, eles compunham um lai e davam-lhe um nome. Dessas aventuras que aconteceram, eu posso contar algumas agora, mas não todas. Ouçam, senhores, mesmo assim, e eu vou contar-lhes o *Lai le Freine*. Ele foi composto na Bretanha, o local onde os eventos do lai se passam. Em inglês, o nome dado é freixo⁸, um belo exemplo do que um dia aconteceu⁹.

⁶ (N.T) Optamos por preservar a repetição de “sum”, do original em inglês médio: “Sum bepe of wer & sum of wo/ & sum of ioie & mirpe also/ & sum of trecherie & of gile, /Of old auentours þat fel while; / & sum of bourdes & ribaudy/ & mani þer beþ of fairy.” (Manuscrito de Auchinleck, f.261ra, linhas 5-9).

⁷ (N.T) Região situada no noroeste da França que possui forte herança cultural de povos celtas.

⁸ (N.T) Nome popular de *Fraxinus Excelsior*, espécie de árvore da família Oleaceae. Em inglês médio: “asch”.

⁹ (N.T) Este prólogo não está presente no lai de Marie de France. Além disso, ele pode ser encontrado em *Sir Orfeo*, outro poema em inglês médio presente no Manuscrito de Auchinleck (ff.299A stub-303ra). Gabrielle Guillaume defende em *The Prologues of the Lay le Freine and Sir Orfeo* (1921) que o prólogo de *Lai le Freine* foi composto por um autor inglês e que, mais tarde, outro autor pode ter utilizado o mesmo prólogo em *Sir Orfeo*.

Dois cavaleiros que viviam no país do oeste¹⁰ se amavam de todas as formas. Eles eram homens ricos no auge de suas vidas e cada um tinha uma esposa. Uma das damas esperava uma criança e, quando ela nasceu de seu útero, seu marido agradeceu ao Poderoso Deus e chamou seu mensageiro: “Vá rápido até o meu vizinho”, disse ele, “e diga que eu o saúdo muito e desejo que ele venha até mim para dizer-lhe que será padrinho”¹¹.

O mensageiro logo partiu e de nada se esqueceu. Ele encontrou o cavaleiro à mesa no seu salão de jantar na companhia de sua esposa e outros nobres. Ajoelhou-se, saudou a todos e entregou a mensagem: “Meu senhor pede que você vá até ele e que seja, por amor, o padrinho.” “O parto de sua dama foi bem-sucedido?”, perguntou o senhor. “Sim, senhor, graças a Deus! “É uma menina ou um menino?” “Dois filhos, senhor, Deus os salve”. O cavaleiro ficou feliz e agradeceu a Deus pela sua misericórdia. Ele atendeu aos pedidos do mensageiro e deu-lhe um cavalo como recompensa por ter trazido as boas notícias.

No entanto, a esposa do senhor, uma mulher orgulhosa, invejosa e desdenhosa, caluniou cada mulher que ela havia invejado com as seguintes palavras de malícia: “Eu me pergunto quem aconselhou o seu senhor a espalhar uma desgraça como essa por toda a parte, já que todos sabem que a mulher que gera duas crianças se deitou com dois homens. Isso traz desonra tanto para o marido quanto para a esposa”¹². O mensageiro ficou dolorosamente envergonhado e o cavaleiro, extremamente triste, repreendeu sua esposa por proferir tal calúnia. Todas as mulheres que a ouviram, amaldiçoaram-na juntas e pediram sete vezes a Deus que, se ela algum dia tivesse um filho, ela tivesse um destino ainda pior¹³.

Algum tempo depois, ocorreu que ela mesma engravidou. A esposa do cavaleiro ficou aliviada após o parto ter sido bem-sucedido, pela vontade de Deus. No entanto, duas meninas nasceram e, quando a senhora ficou sabendo disso, caiu em profunda tristeza. “Infelizmente, isso estava para acontecer; eu causei minha própria desgraça. Que seja proibido a toda mulher prejudicar as outras. A acusação falsa que proferi caiu agora sobre mim. Maldição! Estou perdida para sempre! Ou devo afirmar que me deitei com dois ho-

¹⁰ (N.T) O país do Oeste, “west countré”, em inglês médio, é associado na literatura medieval ao País de Gales e ao mundo celta das fadas (Laskaya; Salisbury, 1995).

¹¹ (N.T) Em *Le Fresne*, de Marie de France, ao invés de pedir que seu amigo seja o padrinho, o cavaleiro envia um dos seus filhos para ele criar e receber o seu nome: “L’un il trametra a lever: de sun num le face nomer” (*Le Fresne*, versos 17-18).

¹² (N.T) A ideia de que dar à luz a gêmeos era um sinal de adultério era uma crença popular muito comum na sociedade medieval, sendo possível encontrar exemplos disso no texto bíblico, como em Gênesis 38:24.

¹³ (N.T) Em *Le Fresne*, a calúnia proferida pela esposa do cavaleiro se espalha por toda a Bretanha, mas ela não é amaldiçoada pelas mulheres que a ouviram. Ademais, quando o mensageiro retorna para seu senhor e o informa do ocorrido, ele começa a suspeitar que sua esposa o tenha traído e passa a odiá-la e vigiá-la. No entanto, a voz de Marie vem em defesa da personagem, afirmando que a esposa não merece tal tratamento: “La prodefemmë enhai/ E durement la mescreï./ Emut la teneit en destreit/ sanz ceo qu’ele neil deserveit” (*Le Fresne*, versos 61-64).

mens. Ou devo admitir que menti sobre a esposa do meu vizinho. Ou devo, Deus proíba, matar o meu próprio filho¹⁴. Eu devo fazer uma das três opções. Se eu mentir sobre mim mesma e admitir que possuo um amante, eu serei tratada pior do que uma mulher comum. Se eu reconhecer que menti sobre a senhora esposa de meu vizinho, todos vão pensar que sou uma mentirosa. Minha melhor escolha é matar uma das minhas filhas e fazer penitência”. Ela chamou sua parteira e disse: “Mate esta criança imediatamente e depois, em qualquer lugar que você for, diga sempre que eu tenho apenas uma filha”¹⁵. Entretanto, a parteira respondeu que não o faria e que nem ela deveria¹⁶.

A senhora tinha uma jovem e nobre serva que havia sido criada na casa do seu senhor durante muitos anos. A jovem viu o rosto triste da sua senhora, ouviu seu choro e suspiro e quis ajudá-la a resolver o seu problema. Ela disse: “Eu não choraria por isso, mas levaria essa criança para um convento. Você não terá nenhuma vergonha e, quem quer que encontre essa pequena criança, Maria, rainha alegre acima de nós¹⁷, guiará por amor a Deus.”

A senhora concordou imediatamente e desejou que isso fosse feito. Ela enrolou o bebê em um rico manto de seda bordado, trazido de Constantinopla pelo seu marido¹⁸, e prendeu no braço direito da criança um fino anel dourado, para que a pessoa que a encontrasse soubesse que ela vinha de uma família nobre. A jovem pegou o bebê e à noite o levou embora do castelo. Ela passou pelo mato selvagem através do campo e do bosque durante toda a longa noite de inverno. O céu estava claro e a lua brilhava quando ela chegou ao limite da floresta. Cansada, ela descansou e logo ouviu um galo cantar e um cachorro latir. Ela se levantou e continuou seu caminho, passando por muitos muros

¹⁴ (N.T) Novamente, optamos por manter a repetição de uma forma gramatical, neste caso, a forma “Or ich mot”: “Or ich mot siggen sikerly/ þat tvay men han yly me by./ Or ich mot sigge in al mi liif/ þat y bileiþe mi neþbours wiif./ Or ich mot – þat God it schilde -/ Help to sle min owhen child./ On of þis þre þinges ich mot nede/ Sigge oþer don in dede. (Manuscrito de Auchinleck, f.261va, versos 97-102). Essa repetição demonstra a construção do raciocínio da personagem em um longo e conturbado fluxo de pensamento, algo raro de se encontrar na literatura medieval.

¹⁵ (N.T) De acordo com Boswell (1988), a superstição de que gêmeos eram o resultado de dois pais diferentes era amplamente aceita e, por vezes, resultava no descarte de crianças. No entanto, havia muitas outras razões para abandono e infanticídio como questões morais, econômicas, de deformidade física, de comportamento adverso prejudicial à família ou de suposta maldição pelo pecado dos pais, sendo, possivelmente, um “changeling” demoníaco trocado pela criança real ou gerada pelo diabo.

¹⁶ (N.T) Só a mãe e a parteira parecem saber do nascimento das filhas gêmeas. De acordo com Schaus (2006), as descrições e registros de nascimentos e a iconografia de cenas de partos retratavam essas práticas e espaços ocupados quase que exclusivamente por mulheres.

¹⁷ (N.T) Essa passagem do poema em que a senhora é aconselhada pela serva foi apagada no Manuscrito de Auchinleck (versos 121-133), tendo sido reconstruída a partir do *lais* de Marie de France por Weber em 1810.

¹⁸ (N.T) Evidências de transculturalidade entre o mundo ocidental e oriental são recorrentes na literatura inglesa do século XIV. Em *Emaré*, outro *lai* bretão em inglês médio, o personagem recebe um manto também trazido de Constantinopla e que o acompanhará por toda sua trajetória.

e casas até que avistou uma igreja com um alto campanário. Não havia ruas ou comércio, apenas um convento de freiras bem preparado para servir a Deus dia e noite. A jovem foi até a porta da igreja, ajoelhou-se, chorou e orou:

“Ó, Senhor, Jesus Cristo, Quem atende às orações de homens pecadores, receba este presente e ajude esta pobre inocente que deve ser cristianizada, pelo amor de Maria, sua nobre mãe.”¹⁹ Ela olhou para cima e viu um belo e alto freixo²⁰, com muitos ramos dignos; o tronco era oco, como muitos são. Ela colocou o bebê na árvore e o enrolou no manto para protegê-lo do frio e o abençoou com toda a sua força. O entardecer chegou, os pássaros começaram a cantar nos ramos, os lavradores foram para os arados, e a serva retornou para casa pelo caminho que havia feito.

O porteiro da abadia acordou e fez suas orações na sacristia. Depois tocou os sinos, acendeu as velas e preparou tudo para iniciar o dia. Ele abriu as portas da igreja, viu o manto na árvore e pensou que alguns ladrões o tinham roubado e esquecido lá. Após abrir o manto, encontrou o bebê, o tomou nas suas mãos e agradeceu à misericórdia de Cristo. Decidiu levá-lo para a sua casa e pediu para sua filha amamentá-lo, uma vez que ela estava com leite. No entanto, a criança não se alimentava, pois ela estava quase morta por conta do frio. A filha então acendeu rapidamente um fogo para aquecer o bebê e o colocou para dormir.

Quando a missa terminou, o porteiro foi imediatamente até a abadessa e perguntou: “O que a senhora sugere que seja feito? Esta manhã, logo após a primeira hora, encontrei uma criança no freixo oco enrolada em um manto e com um anel dourado, mas não sei explicar como tudo isso aconteceu”. Maravilhada, ela disse: “Vá logo buscar a criança, ela será bem recebida por Deus e por mim. Irei ajudá-la como puder e dizer que ela é da minha família”. O porteiro trouxe a criança com pressa, com o tecido e o anel. A abadessa chamou um padre para cristianizar a menina na fonte de batismo, e, como ela foi encontrada em um freixo, lhe foi dado o nome de Freine. Já que freixo é *freine* em francês, a língua da Bretanha, este laí foi chamado de Le Freine mais do que Freixo em todo o país.

A abadessa criou e educou Freine, que triunfava a cada dia e acreditava fazer parte da família de sua protetora. Após doze invernos terem se passado, ela era a donzela mais bela em toda a Inglaterra. Quando descobriu a natureza das relações humanas, ela per-

¹⁹ (N.T) Apesar de ser um importante ato cristão de salvação, não há nenhuma menção à cristianização da criança por meio do batizado no texto original de Marie de France.

²⁰ (N.T) De acordo com Monaghan (2004), o freixo possui um importante papel simbólico não apenas na mitologia celta, mas também na germânica e escandinava. Assim como o carvalho, o freixo é considerado uma árvore mágica pela cultura celta por representar o portal que separa o mundo dos humanos e o mundo das fadas. O freixo também é considerado uma planta protetora contra doenças e está associado ao Beltane, antigo festival que celebra o início do verão.

guntou à abadessa quem eram seus familiares, seu pai, sua mãe, seu irmão e sua irmã. A abadessa contou com todos os detalhes como ela tinha sido encontrada e lhe deu o manto e o anel²¹, aconselhando Freine a guardá-los enquanto vivesse lá. E assim ela o fez²².

Vivia naquele país um rico e feliz cavaleiro que era orgulhoso, jovem e possuía muitas terras. Mesmo assim, ele ainda não havia encontrado uma esposa. Ele se chamava Sir Guroun, um homem ousado e de grande renome. Ele ouviu muitos elogios à beleza da nobre dama que vivia na abadia e desejou conhecê-la. O cavaleiro foi até lá e ordenou aos seus homens que dissessem aos outros que ele se dirigia a um torneio. Sir Guroun foi recebido pela abadessa e pelas freiras e levado ao salão dos convidados, onde a graciosa Freine o saudou da forma mais doce possível. Ao ver sua beleza e gentileza, seus adoráveis olhos e sua face iluminada, ele se apaixonou por ela e começou a pensar como poderia tê-la como amante²³.

Ele pensou “Se eu vir até aqui com muita frequência, a abadessa vai suspeitar e manter Freine longe de mim”. Então, ele elaborou outro plano: se tornar um irmão daquela religião²⁴. Ele disse à abadessa: “Senhora amada²⁵ em todo o bem, eu darei terras e renda à abadia para me tornar seu irmão e será bom para todos vocês quando eu for recebido”. Com a troca de algumas palavras, o acordo foi feito e o cavaleiro começa a se preparar para se juntar à comunidade religiosa. Ele vinha frequentemente dia e noite visitar Freine. Finalmente, com promessas e elogios, ele convenceu-a a se entregar ao seu desejo sempre que ele desejava. “Meu amor²⁶, você deve deixar a abadessa e ir viver comigo. Eu sou tão rico e poderoso que você terá uma vida muito melhor do que aqui²⁷”. Confiando nas palavras de seu amante, Freine fugiu em segredo com ele, levando consigo apenas o anel e o manto. Quando a abadessa descobriu que Freine havia fugido, ela sofreu

²¹ (N.T) O manto e o anel podem ser interpretados na narrativa como elementos com poderes mágicos, pois servem como amuletos para proteger Freine. Além disso, esses objetos vão acompanhar a protagonista por toda sua jornada e contribuir para constituir sua história e sua identidade (Laskaya; Salisbury, 1995).

²² (N.T.) A revelação da abadessa sobre a origem de Le Freine ocorre posteriormente no poema de Marie e com menos influência na caracterização da personagem.

²³ (N.T) No lai de Marie de France, Sir Guroun se apaixonou por Freine antes mesmo de vê-la e só depois decide ir até a abadia para conhecê-la: “De la pucele oï parler, / Si la cumença a amer” (*Le Fresne*, versos 247-249).

²⁴ (N.T.) O cavaleiro planeja ingressar na vida religiosa cristã.

²⁵ (N.T) No original, “Y loui” (Manuscrito de Auchinleck, verso 280) já foi transcrito e traduzido de diferentes formas: y lovi (Eu amo); I-lovi (amada); y-lovi (amada). O entendimento que prevalece é de que a personagem é bem-amada pelas suas virtudes.

²⁶ (N.T) No original, “Leman”. O termo já foi traduzido para o inglês moderno como “kinswoman” (irmã; familiar; parente). De acordo com *A Concise Dictionary of Middle English*, “Leman” ou “Lemman” pode significar “sweetheart, lover (of both sexes), mistress, concubine” (p. 270).

²⁷ (N.T) No lai de Marie de France, o motivo de Sir Guroun dizer para Freine fugir da abadia e ir viver com ele é o risco de Freine engravidar e a abadessa descobrir o relacionamento dos dois: “Bele, fet il, ore est issi/ Ke de mei avez fet ami./ Venez vus ent del tut od mei!/ Savez poëz, jol quit e crei./ Si vostre aunte s’aperceveit, Mu durement il pesereit./ S’entur il fussez enceintee, / Durement sereit curuciee” (*Le Fresne*, versos 277-284).

e lamentou muito, tudo por nada.

Assim que Freine chegou no castelo, começou a ser admirada por todos. Ela conversava tanto com os ricos quanto com os pobres e todos a amavam, alguns mais e outros menos²⁸. Mas o cavaleiro foi aconselhado pelos seus homens e a Igreja ordenou que ele se casasse com a filha de um nobre e abandonasse sua amante²⁹, que não poderia lhe dar um herdeiro legítimo, pois vinha de uma linhagem desconhecida. Eles disseram: “Em uma terra próxima vive um cavaleiro. Ele possui uma bela filha que poderá produzir seus herdeiros. Case-se com ela!”³⁰ Embora Sir Guroun estivesse relutante em obedecer, ele finalmente atendeu à ordem e o acordo foi feito apropriadamente. Infelizmente, ele aceitou o acordo sem saber que sua futura noiva e sua amante eram irmãs gêmeas, nascidas do mesmo pai e da mesma mãe³¹. Na verdade, ninguém sabia, apenas Deus.

A nova noiva foi preparada e trazida com todos até o salão do castelo do cavaleiro. Seu pai, sua mãe e muitos outros vieram e o bispo daquela terra chegou para realizar a cerimônia de matrimônio³². Os convidados, que estavam bem entretidos em um grande banquete, disseram alegremente a Sir Guroun que a beleza da noiva superava a de Freine: A avelã é melhor que o freixo!³³ Embora seu coração estivesse partido, Freine não pronunciou nenhuma palavra de raiva ou orgulho, e, como uma serva, a donzela se aligeirou mais do que todos os servos. A mãe da noiva notou sua humildade e passou a amá-la³⁴; dificilmente sentiria mais pena e dor, mesmo se fosse sua própria filha.

Freine correu até o leito nupcial e o encontrou indevidamente preparado para uma

²⁸ (N.T) No original: “To riche & pouer sche gan hir dresse/ Pat al hir loued, more & lesse.” (Manuscrito de Auchinleck, f.262vb, versos 307-308). Esse verso final prepara o leitor para a mudança que ocorrerá no curso da narrativa: o momento de alegria na vida de Freine acabará com um acontecimento infeliz.

²⁹ (N.T) Novamente, o termo *Leman* é utilizado no original.

³⁰ (N.T) Observa-se que uma questão de classe impede que Sir Guroun se case com Freine e produza um herdeiro legítimo com ela, pois a sua origem é desconhecida por todos. Além disso, é interessante perceber que a Igreja não defende os direitos consensuais do matrimônio, os quais haviam sido estabelecidos no século XI. Em vez disso, ordena a realização de um casamento legítimo e arranjado entre membros da mesma classe social.

³¹ (N.T) As leis medievais da consanguinidade condenariam o casamento de Sir Guroun com a irmã de Freine como um ato de incesto, caso se concretizasse.

³² (N.T) No Manuscrito de Auchinleck, o poema chega ao fim com a chegada do bispo para celebrar o casamento (verso 340), uma vez que os versos finais foram apagados.

³³ (N.T) Se “Le Freine”, o “freixo”, tem importância, “Le Codre”, a “aveleira” também tem. A ironia dessas falas é evidente, visto que são duas mulheres gêmeas e os nomes de ambas remetem às árvores sagradas da mitologia celta. No entanto, Codre supera a beleza de sua irmã, uma vez que a aveleira, por ser uma árvore frutífera, é considerada superior ao freixo, que não gera frutos. Pode-se interpretar essa passagem do poema como uma referência à incapacidade de Freine gerar um filho legítimo para Sir Guroun, uma vez que sua linhagem é desconhecida.

³⁴ (N.T) A reação empática da mãe pode indicar uma resposta inconsciente à serva que se revelará sua própria filha, mas também pode demonstrar uma mãe transformada. Enquanto anos antes ela podia ser fria e distante com a recém-nascida, agora ela se vê imaginando ou vivenciando a vivência de Le Freine. Essas três linhas continuam o padrão de retratar as emoções mais comoventes do protagonista por meio do olhar de outro personagem ou da voz do narrador.

noiva tão adorável. Ela foi rapidamente ao seu baú e tirou o bellissimo manto que recebera da abadessa. Não havia tecido tão bonito quanto este, e, habilmente, colocou-o sobre a cama para agradar ao seu senhor. Codre e sua mãe foram até o quarto, mas a senhora quase desmaiou quando viu o manto. Ela perguntou ao camareiro sobre o manto, mas este não sabia de nada. A linda donzela Freine chegou e, quando questionada pela senhora sobre de quem era aquele manto, respondeu que era dela e que o guardava com o anel. Disse que sua tia havia lhe contado um estranho caso sobre como ela foi envolvida naquele manto e que tinha este anel no seu braço quando foi enviada para ser criada. Então, a mãe, atônita, soube que Freine era sua filha. Ela disse à menina: “linda criança! Minha filha! Eu te dei à luz!”, e caiu na cama, quase morta, suspirando.

Seu marido foi chamado e ela contou-lhe toda a verdade sobre como havia caluniado a vizinha por dar à luz a gêmeos e que, assim, ela própria também acabou dando à luz a duas filhas. Disse: “Mande uma delas para ser criada em um convento, e esta é ela, a nossa filha querida; e estes são o manto e o anel que você me deu há muito tempo como símbolo de amor”. Então, o cavaleiro beijou sua filha muitas vezes com carinho³⁵ e fez com que o casamento de Sir Guroun com Codre fosse anulado pelo bispo, que imediatamente o casou com Freine, tão bela e graciosa³⁶. Codre logo se casou alegremente com um nobre cavaleiro daquele país. E assim termina o lai dessas brilhantes donzelas, Le Freine e Le Codre.

Lay le Freine

We redeth oft and findeth ywrite -
And this clerkes wele it wite -
Layes that ben in harping
Ben yfounde of ferli thing.
Sum bethe of wer and sum of wo,
And sum of joie and mirthe also,
And sum of trecherie and of gile,
Of old aventours that fel while;

³⁵ (N.T) A gentileza do cavaleiro é constante ao longo do poema. Da mesma forma que ele celebrou o nascimento dos filhos de seu amigo, agora ele aceita e comemora o reencontro com uma filha que ele havia perdido há muito tempo.

³⁶ (N.T) Na literatura medieval, a criança abandonada, muitas vezes de linhagem nobre, atinge eventualmente o sucesso após superar adversidades no meio do caminho, já que sua linhagem seria um incentivo para que ela recebesse cuidados (Boswell, 1988).

And sum of bourdes and ribaudy,
 And mani ther beth of fairy.
 Of al thinges that men seth,
 Mest o love for sothe thai beth.
 In Breteyne bi hold time
 This layes were wrought, so seith this rime.
 When kinges might our yhere
 Of ani mervailles that ther were,
 Thai token an harp in gle and game,
 And maked a lay and gaf it name.
 Now of this aventours that weren yfalle,
 Y can tel sum ac nought alle.
 Ac herkneth lordinges, sothe to sain,
 Ichil you telle Lay le Frayn.
 Bifel a cas in Breteyne
 Whereof was made Lay le Frain.
 In Ingliche for to tellen ywis
 Of an asche for sothe it is;
 On ensaumple fair with alle
 That sum time was bifalle.
 In the west cuntré woned tuay knightes,
 And loved hem wele in al rightes;
 Riche men in her best liif,
 And aither of hem hadde wedded wiif.
 That o knight made his levedi milde
 That sche was wonder gret with childe.
 And when hir time was comen tho,
 She was deliverd out of wo.
 The knight thonked God almight,
 And cleped his messanger an hight.
 “Go,” he seyde, “to mi neighebour swithe,
 And say y gret him fele sithe,
 And pray him that he com to me,
 And say he schal mi gossibbe be.”
 The messanger goth, and hath nought forgete,

And firt the knight at his mete.
And fair he gret in the halle
The lord, the levedi, the meyné alle.
And seththen on knes doun him sett,
And the Lord ful fair he gret:
“He bad that thou schust to him te,
And for love his gossibbe be.”
“Is his levedi deliverd with sounde?”
“Ya, sir, ythonked be God the stounde.”
“And whether a maidenchild other a knave?”
“Tuay sones, sir, God hem save.”
The knight therof was glad and blithe,
And thonked Godes sond swithe,
And graunted his erand in al thing,
And gaf him a palfray for his tiding.

Than was the levedi of the hous
A proude dame and an envieous,
Hokerfulliche missegging,
Squeymous and eke scorning.
To ich woman sche hadde envie;
Sche spac this wordes of felonie:
“Ich have wonder, thou messenger,
Who was thi lordes conseiler,
To teche him about to send
And telle schame in ich an ende,
That his wiif hath to childer ybore.
Wele may ich man wite therfore
That tuay men hir han hadde in bour;
That is hir bothe deshonour.”

The messenger was sore aschamed;
The knight himself was sore agramed,
And rebouked his levedy
To speke ani woman vilaynie.
And ich woman therof might here
Cursed hir alle yfere,

And bisought God in heven
 For His holy name seven
 That yif hye ever ani child schuld abide
 A wers aventour hir schuld bitide.
 Sone therafter bifel a cas
 That hirself with child was.
 When God wild, sche was unbounde
 And deliverd al with sounde.
 To maidenchilder sche hadde ybore.
 When hye it wist, wo hir was therefore.
 "Allas," sche seyde, "that this hap come!
 Ich have ygoven min owen dome.
 Forboden bite ich woman
 To speken ani other harm opon.
 Falsliche another y gan deme;
 The selve happe is on me sene.
 Allas," sche seyde, "that y was born!
 Withouten ende icham forlorn.
 Or ich mot siggen sikerly
 That tuay men han yly me by;
 Or ich mot sigge in al mi liif
 That y bileighe mi neighbours wiif;
 Or ich mot - that God it schilde! -
 Help to sle min owen child.
 On of this thre thinges ich mot nede
 Sigge other don in dede.
 "Yif ich say ich hadde a bileman,
 Than ich leighe meselve opon;
 And eke thai wil that me se
 Held me wer than comoun be.
 And yif ich knawelege to ich man
 That ich leighe the levedi opon,
 Than ich worth of old and yong
 Behold leighster and fals of tong.
 Yete me is best take mi chaunce,

And sle mi childe, and do penaunce.”
 Hir midwiif hye cleped hir to:
 “Anon,” sche seyde, “this child fordo.
 And ever say thou wher thou go
 That ich have o child and namo.”
 The midwiif answerd thurchout al
 That hye nil, no hye ne schal.
 [The levedi hadde a maiden fre,
 Who ther ynurtured hade ybe,
 And fostered fair ful mony a yere;
 Sche saw her kepe this sori chere,
 And wepe, and syke, and crye, “Alas!”
 And thoghte to helpen her in this cas.
 And thus sche spake, this maiden ying,
 “So n’olde y wepen for no kind thing:
 But this o child wol I of-bare
 And in a covent leve it yare.
 Ne schalt thou be aschamed at al;
 And whoso findeth this childe smal,
 By Mary, blissful quene above,
 May help it for Godes love.”
 The levedi graunted anon therto,
 And wold wele that it were ydo.
 Sche toke a riche baudekine
 That hir lord brought from Costentine
 And lapped the litel maiden therin,
 And toke a ring of gold fin,
 And on hir right arm it knitt,
 With a lace of silke therin plit;
 And whoso hir founde schuld have in mende
 That it were comen of riche kende.
 The maide toke the child hir mide
 And stale oway in an eventide,
 And passed over a wild heth.
 Thurch feld and thurch wode hye geth

Al the winterlong night -
 The weder was clere, the mone was light -
 So that hye com bi a forest side;
 Sche wax al weri and gan abide.
 Sone after sche gan herk
 Cokkes crowe and houndes berk.
 Sche aros and thider wold.
 Ner and nere sche gan bihold.
 Walles and hous fele hye seighe,
 A chirche with stepel fair and heighe.
 Than nas ther noither strete no toun,
 Bot an hous of religioun,
 An order of nonnes wele ydight
 To servy God bothe day and night.
 The maiden abod no lengore,
 Bot yede hir to the chirche dore,
 And on knes sche sat adoun,
 And seyde wepeand her orisoun:
 "O Lord," she seyde, "Jesu Crist,
 That sinful man bedes herst,
 Underfong this present,
 And help this seli innocent
 That it mot ycrisned be,
 For Marie love, thi moder fre."
 Hye lokede up and bi hir seighe
 An asche bi hir fair and heighe,
 Wele ybowed, of michel priis;
 The bodi was holow as mani on is.
 Therin sche leyde the child for cold,
 In the pel as it was bifold,
 And blisced it with al hir might.
 With that it gan to dawne light.
 The foules up and song on bough,
 And acremen yede to the plough.
 The maiden turned ogain anon,

And toke the waye he hadde er gon.
 The porter of the abbay aros,
 And dede his ofice in the clos,
 Rong the belles and taperes light,
 Leyd forth bokes and al redi dight.
 The chirche dore he undede,
 And seighe anon in the stede
 The pel liggen in the tre,
 And thought wele that it might be
 That theves hadde yrobbed sumwhare,
 And gon ther forth and lete it thare.
 Therto he yede and it unwond,
 And the maidenchild therin he fond.
 He tok it up betwen his hond,
 And thonked Jesu Cristes sond;
 And hom to his hous he it brought,
 And tok it his douhter and hir bisought
 That hye schuld kepe it as sche can,
 For sche was melche and couthe theran.
 Sche bad it souke and it nold,
 For it was neighe ded for cold.
 Anon fer sche alight
 And warmed it wele aflight.
 Sche gaf it souke opon hir barm,
 And sethen laid it to slepe warm.
 And when the masse was ydon,
 The porter to the abbesse com ful son
 “Madame, what rede ye of this thing?
 Today right in the morning,
 Sone after the first stounde,
 A litel maidenchild ich founde
 In the holwe assche ther out,
 And a pel him about.
 A ring of gold also was there.
 Hou it com thider y not nere.”

The abbesse was awonderd of this thing.
 “Go,” hye seyde, “on heighing,
 And feche it hider, y pray the.
 It is welcom to God and to me.
 Ichil it help as y can
 And sigge it is mi kinswoman.”
 The porter anon it gan forth bring
 With the pal and with the ring.
 The abbesse lete clepe a prest anon,
 And lete it cristin in funston.
 And for it was in an asche yfounde,
 Sche cleped it Frain in that stounde.
 (The Freyns of the “asche” is a freyn
 After the language of Breteyn;
 Forthe Le Frein men clepeth this lay
 More than Asche in ich cuntray).
 This Frein thrived fram yer to yer.
 The abbesse nece men wend it were.
 The abbesse hir gan teche and beld.
 Bi that hye was of twelve winter eld,
 In al Inglond ther nas non
 A fairer maiden than hye was on.
 And when hye couthe ought of manhed,
 Hye bad the abbesse hir wis and rede
 Whiche were her kin, on or other,
 Fader or moder, soster or brother.
 The abbesse hir in conseyl toke,
 To tellen hir hye nought forsoke,
 Hou hye was founden in al thing,
 And tok hir the cloth and the ring,
 And bad hir kepe it in that stede;
 And ther whiles sche lived so sche dede.
 Than was ther in that cuntré
 A riche knight of lond and fe,
 Proud and yong and jolive,

And had nought yete ywedded wive.
He was stout, of gret renoun,
And was ycleped Sir Guroun.
He herd praise that maiden fre,
And seyde he wald hir se.
He dight him in the way anon,
And joliflich thider he come;
And bad his man sigge verrament
He schuld toward a turnament.
The abbesse and the nonnes alle
Fair him gret in the gest halle,
And damisel Freyn, so hende of mouth,
Gret him faire as hye wele couthe;
And swithe wele he gan devise
Her semblaunt and her gentrise,
Her lovesum eighen, her rode so bright,
And comced to love hir anon right,
And thought hou he might take on
To have hir to his leman.
He thought, “Yif ich com hir to
More than ichave ydo,
The abbesse wil souchy gile
And voide hir in a litel while.”
He compast another enchesoun:
To be brother of that religioun.
“Madame,” he seyde to the abbesse,
“Y lovi wele in al godenisse,
Ichil give on and other,
Londes and rentes, to bicom your brother,
That ye schul ever fare the bet
When y com to have recet.”
At few wordes thai ben at on.
He graythes him and forth is gon.
Oft he come bi day and night
To speke with that maiden bright.

So that with his fair bihest,
And with his gloseing atte lest,
Hye graunted him to don his wille
When he wil, loude and stille.
“Leman,” he seyde, “thou most lat be
The abbesse, thi nece, and go with me.
For icham riche, of swich pouwere,
The finde bet than thou hast here.”
The maiden grant, and to him trist,
And stale oway that no man wist.
With hir tok hye no thing
Bot hir pel and hir ring.

When the abbesse gan aspice
That hye was with the knight owy,
Sche made morning in hir thought,
And hir biment and gained nought.
So long sche was in his castel
That al his meyné loved hir wel.
To riche and pouer sche gan hir dresse,
That al hir loved, more and lesse.
And thus sche lad with him hir liif
Right as sche hadde ben his wedded wiif.

His knightes com and to him speke,
And Holy Chirche comandeth eke,
Sum lordes douhter for to take,
And his leman al forsake;
And seyde him were wel more feir
In wedlok to geten him an air
Than lede his liif with swiche on
Of was kin he knewe non.
And seyde, “Here bisides is a knight
That hath a douhter fair and bright
That schal bere his hiritage;
Taketh hir in mariage!”
Loth him was that dede to do,

Ac atte last he graunt therto.

The forward was ymaked aright,
And were at on, and treuthe plight.

Allas, that he no hadde ywite,

Er the forward were ysmite

That hye and his leman also

Sostren were and twinnes to!

Of o fader bigeten thai were,

Of o moder born yfere.

That hye so ware nist non,

For soth y say, bot God alon.

The newe bride was grayd with alle

And brought hom to the lordes halle.

Hir fader com with hir, also

The levedi, hir moder, and other mo.

The bischop of the lond withouten fail

Com to do the spusseyl.

[That maiden bird in bour bright,

Le Codre sche was yhlight.

And ther the gwestes had gamen and gle,

And sayd to Sir Guroun joyfully:

“Fairer maiden nas never seen,

Better than Ash is Hazle y ween!”

(For in Romaunce Le Frain “ash” is,

And Le Codre «hazle,» y-wis.)

A gret fest than gan they hold

With gle and pleasaunce manifold.

And mo than al servauntes, the maid,

Yhlight Le Frain, as servant sped.

Albe her herte wel nigh tobroke,

No word of pride ne game she spoke.

The levedi marked her simple chere,

And gan to love her, wonder dere.

Scant could sche feel more pine or reuth

War it hir owen childe in sooth.

Than to the bour the damsel sped,
 Whar graithed was the spousaile bed;
 Sche demed it was ful foully dight,
 And yll besemed a may so bright;
 So to her coffer quick she cam,
 And her riche baudekyn out nam,
 Which from the abbesse sche had got;
 Fayrer mantel nas ther not;
 And deftly on the bed it layd;
 Her lord would thus be well apayd.
 Le Codre and her mother, thare,
 Ynsame unto the bour gan fare,
 But whan the levedi that mantyll seighe,
 Sche wel neighe swoned oway.
 The chamberleynt sche cleped tho,
 But he wist of it no mo.
 Then came that hendi maid Le Frain,
 And the levedi gan to her sain,
 And asked whose mantyll it ware.
 Then answered that maiden fair:
 “It is mine without lesing;
 Y had it together with this ringe.
 Myne aunte tolde me a ferli cas
 Hou in this mantyll yfold I was,
 And hadde upon mine arm this ring,
 Whanne I was ysent to norysching.”
 Then was the levedi astonied sore:
 “Fair child! My doughter, y the bore!”
 Sche swoned and was wel neighe ded,
 And lay sikeand on that bed.
 Her husbond was fet tho,
 And sche told him al her wo,
 Hou of her neighbour sche had missayn,
 For sche was delyvered of childre twain;
 And hou to children herself sche bore;

“And that o child I of sent thore,
In a convent yfostered to be;
And this is sche, our doughter free;
And this is the mantyll, and this the ring
You gaf me of yore as a love-tokening.”

The knight kissed his daughter hende
Oftimes, and to the bisschop wende:
And he undid the mariage strate,
And weddid Sir Guroun als gate
To Le Frain, his leman, so fair and hend.
With them Le Codre away did wend,
And sone was spousyd with game and gle,
To a gentle knight of that countré.
Thus ends the lay of tho maidens bright,
Le Frain and Le Codre yhight.

REFERÊNCIAS

AUCHINLECK MANUSCRIPT. National Library of Scotland Advocates 19.2.1. Disponível em: <https://auchinleck.nls.uk/index.html>. BAUGH, Albert C. *A Literary History of England*. Londres: Routledge, 1967.

BOSWELL, John. *The Kindness of Strangers: The Abandonment of Children in Western Europe from Late Antiquity to the Renaissance*. Nova York: Pantheon Books, 1988

FREEMAN, Michelle. The Power of Sisterhood: Marie de France's Le Fresne. In: EILER, Mary; KOWALESKI, Maryanne (Eds.). *Women and Power in the Middle Ages*. Atenas: University of Georgia Press, 1988. p. 250-264.

GUILLAUME, Gabrielle. The Prologues of the Lay le Freine and Sir Orfeo. *Modern Language Notes*, v. 36, 1921. pp. 458-64.

KINOSHITA, Sharon; McCracken, Peggy. *Marie de France: a critical companion*, 2012.

LASKAA, Anne; SALISBURY, Eve (Eds.). *The Middle English Breton Lays*. Michigan: Kalamazoo, 1995.

LAY LE FREINE. Traduzido para o inglês moderno e adaptado em prosa por Richard Scott-Robinson, 2016. Disponível em: <https://reflection.eleusinianm.co.uk/portals/0/pdf/lai-le-freine.pdf>.

MARIE DE FRANCE. *Les Lais de Marie de France*. Editado por Jean Rychner. Paris: Editions Champion, 1983.

MAYHEW, Anthony Lawson; SKEAT, Walter William. *A Concise Dictionary of Middle English: from 1150 to 1580*. Oxford: Clarendon Press, 1888.

MONAGHAN, Patricia. *The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore*. Nova York: Facts on File, 2004.

SCHAUS, Margaret. Pregnancy and Childbirth. *In: SCHAUS, Margaret (Ed.). Women and Gender in Medieval Europe: an Encyclopedia*. Nova York: Routledge, 2006. p. XX-XX.